

## Ano 2013 marcado pela destruição do emprego e o aumento do desemprego

O INE divulgou hoje os dados do Inquérito ao Emprego referentes ao 4º trimestre de 2013. Verifica-se um pequeno aumento do emprego face ao trimestre anterior (7,9 mil) e um recuo do desemprego comparativamente a um ano atrás (-10,5%). A CGTP-IN considera que estes dados devem ser contextualizados tendo-se em conta o todo o ano de 2013 e a evolução nos últimos anos.

1.1 De facto, uma **análise global** indica que se mantém uma deterioração profunda no mercado de trabalho que é revelada pelos seguintes indicadores:

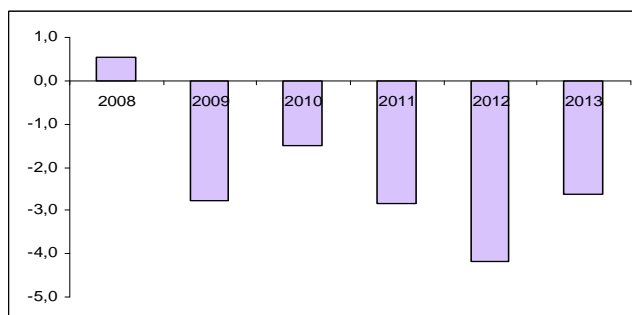
### Principais indicadores

	2010	2011	2012	2013
População activa (Variação, %)	0,0	-0,7	-0,9	-1,9
Emprego (Variação, %)	-1,5	-2,8	-4,3	-2,6
Taxa de emprego (15-64 anos), %	65,6	64,2	61,8	61,1
Taxa de desemprego (%)	10,8	12,7	15,7	16,3
Subemprego visível (mil)		219,7	256,2	263,2
Inactivos disponíveis que não procuram emprego (mil)		172,0	232,1	278,6
Desemprego de longa duração (% do total)	54,3	53,1	54,1	62,1
Contratos não permanentes no total (%)	23,0	22,2	20,7	21,5
Desempregados com prestações de desemprego (%)	57,2	41,9	42,8	45,4

Fontes: Calculado pela CGTP-IN com base em dados do INE e do GEE-M. Economia

1.2 A **quebra do emprego** constitui o indicador mais determinante na situação do mercado de trabalho. Se considerarmos o nível de emprego existente em 2008 (5198 milhares) e o que se obtém em 2013 (4513 mil), obtém-se uma quebra de 685 mil empregos, o que representa 13% do valor de 2008. Ainda que a queda do emprego tenha sido menos acentuada em 2013, a verdade é que não se recuperou face a esta destruição.

### Destruição de emprego desde 2009 (%)



Fonte: INE, com base na variação da população empregada

1.3 O Governo tem argumentado que se está a verificar um **aumento do emprego** desde o 2º trimestre de 2013, o que indica uma viragem na situação económica. No entanto o que se verifica no 4º trimestre é antes a estagnação do emprego num valor histórico extremamente baixo já que o crescimento face ao trimestre anterior foi de apenas 7,9 mil pessoas. Mesmo esta melhoria desde o 2º trimestre está circunscrita a algumas actividades de serviços. Se analisarmos o conjunto do ano temos uma perda superior a 120 mil empregos e constatamos que quase todas as actividades apresentaram perdas em relação a 2012.

### Emprego por sectores em 2013 (mil)

	2013	2013-2012
População empregada	4 513,5	- 121,2
A: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	448,1	- 37,9
B a F: Indústria, construção, energia e água	1 090,6	- 97,7
C: Indústrias transformadoras	731,8	- 37,7
F: Construção	300,5	- 56,7
G a U: Serviços	2 974,8	14,4
G: Comércio por grosso e a retalho	661,0	- 15,6
H: Transportes e armazenagem	184,5	14,4
I: Alojamento, restauração e similares	293,1	12,3
J: Actividades de informação e de comunicação	92,2	5,6
K: Actividades financeiras e de seguros	87,9	- 9,9
L: Actividades imobiliárias	27,6	4,0
M: Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	171,5	14,9
N: Activ. administrativas e dos serviços de apoio	144,2	- 3,7
O: Administração Pública, Defesa e Segurança Social Obrigatória	294,8	1,1
P: Educação	356,4	- 13,9
Q: Actividades da saúde humana e apoio social	371,2	- 3,7
R: Actividades artísticas, de espectáculos, desportivas e recreativas	51,1	- 0,8
S a U: Outros serviços	239,2	9,6

Fonte: INE

Verifica-se também o agravamento da **precariedade**, com o aumento dos contratos não permanentes no emprego assalariado (de 20,7% em 2012 para 21,5% em 2013), e uma elevada liquidação de emprego por conta própria.

### Emprego segundo a situação na profissão (mil)

	2012	2013	Varição
Emprego	4 634,7	4513,5	-121,2
Assalariados	3 628,4	3541,0	-87,4
Contratos sem termo	2 878,6	2779,8	- 98,8
Contratos não permanentes	749,8	761,2	11,4
Trabalh. por conta própria	742,3	708,6	-33,7
Familiares não remunerados	30,3	29,4	-0,9
Patrões	233,7	234,6	0,9

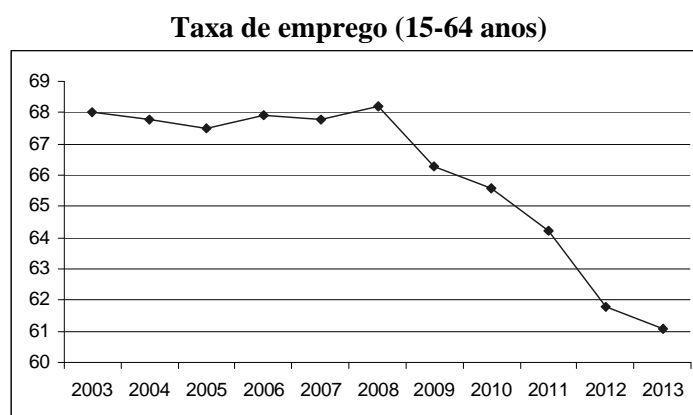
Fonte: INE, Inquérito ao Emprego

1.4 O **desemprego** mantém-se como um problema central do mercado de trabalho, abrangendo 876 mil pessoas. A taxa de desemprego passou de 10,8% em 2010 para 16,3% em 2013. Nos jovens esta taxa elevou-se, no mesmo período, de 22,4% para 37,7%, tendo estabilizado em 2013. Portugal continua a ser um dos países da UE com maior desemprego juvenil.

Porém, a taxa de desemprego não chega por si só para compreender a realidade das pessoas que procuram trabalho e o não encontram. É preciso ter em conta, pelo menos, três outros factores que têm hoje uma importância fulcral: a emigração; a natureza do desemprego, em particular a duração do desemprego e as qualificações dos desempregados; o elevado número de pessoas que se encontram na fronteira entre o emprego e o não emprego.

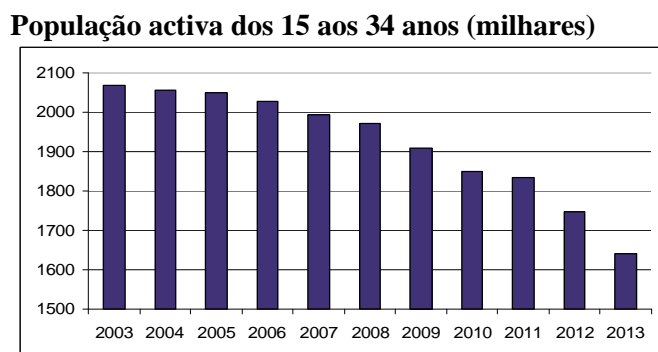
1.4.1 Uma das razões que explica não ter o desemprego atingido a dimensão que foi oficialmente admitida radica no crescimento da **emigração**. A baixa dos salários, aliada ao desemprego, está a ter um efeito desastroso em termos de saída do país de jovens com elevadas habilitações e de trabalhadores qualificados. A emigração abrangeu mais de 220 mil pessoas em 2011-2012, dos quais 43% a título permanente, o que amorteceu os efeitos da perda de empregos na taxa de desemprego. Esta situação afecta a capacidade produtiva do país, contribui para o envelhecimento da população e debilita a base de financiamento do sistema social.

A taxa de emprego da população entre os 15 e os 64 anos mostra uma fortíssima quebra a partir de 2008 para a qual está a contribuir não apenas o desemprego mas também outros factores como a emigração e o desencorajamento (os trabalhadores deixam de procurar emprego por saber que o não encontram):



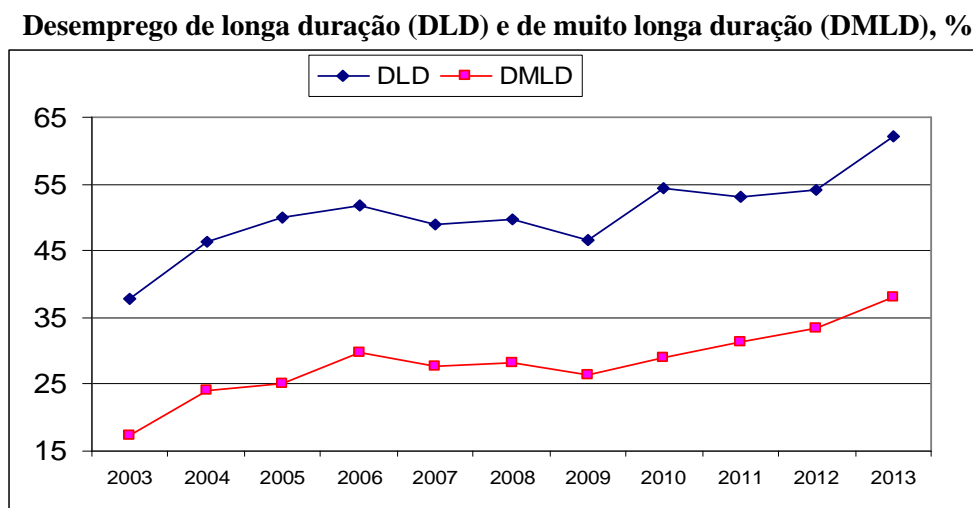
Fonte: INE

Por outro lado, verifica-se no mesmo período uma aceleração na tendência na diminuição da população jovem (dos 15 aos 34 anos) o que não pode ser explicado por razões demográficas relacionadas com a baixa da taxa de natalidade:



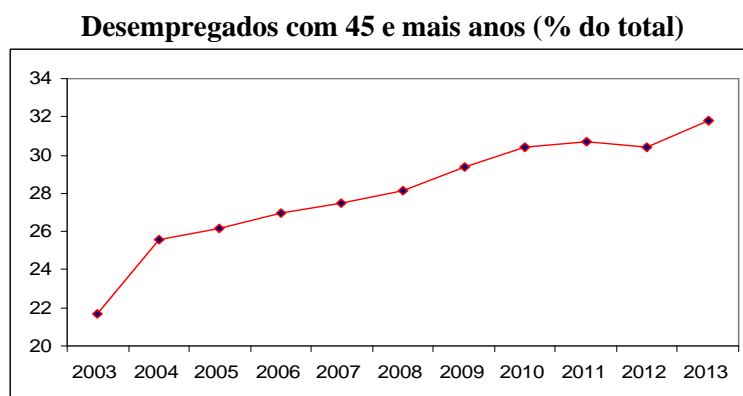
Fonte: INE

1.4.2 Em 2013 assistiu-se a um forte agravamento do **desemprego de longa duração** (passou de 54,2% para 62,1% do total dos desempregados) e de **muito longa duração** (38% dos desempregados está no desemprego há mais de 24 meses):



Fonte: Obtido pela CGTP-IN a partir de dados do INE

Estes dados demonstram que o desemprego, em particular o de longa duração, não diminui através da redução da protecção social no desemprego, como se fez, através do corte no valor e no montante das prestações de desemprego (a maioria dos desempregados não tem hoje acesso às prestações). Esta situação é profundamente grave se atendermos às características dominantes do desemprego no país: 59% dos desempregados têm habilitações que não excedem o nível básico (até ao 3º ciclo) e cerca de um terço tem 45 e mais anos.



Fonte: INE

1.4.3 O desemprego, tal como é medido, representa uma forma extrema de **não utilização de pessoas na economia**. No entanto, o INE divulga informação que, de um modo mais abrangente, permite analisar o grau de subutilização da força de trabalho na economia. Estes indicadores mostram que, a par do aumento do desemprego, houve um fortíssimo aumento do número de inactivos disponíveis para trabalhar mas que não procuram emprego (mais de 100 mil desde 2011, ver quadro no ponto 1.1); e que houve também a progressão do subemprego visível, ou seja do número de empregados que deseja trabalhar mais horas (mais 44 mil desde 2011).

Lisboa, 5.2.2014